

MÁRTIRES JESUITAS NAS ÁGUAS DAS CANARIAS (1570-1571)

POR

M. GONÇALVES DA COSTA

Licenciado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma.

No dia 5 de Julho de 1570, na armada de D. Luis Fernandes Vasconcelos, zarpavam do porto de Lisboa a caminho do Brasil cerca de 80 missionários Jesuitas Portugueses e Espanhóis sob a direcção do P. Inácio de Azevedo, entre sacerdotes, estudantes, irmãos coadjutores, aspirantes e servidores seculares. Daquela "esquadra missionária, a mais numerosa que até ao presente saiu de Portugal para as suas conquistas"¹, ninguém desembarcou em terras de Santa Cruz. A maior parte caiu assassinada, nas águas das Canárias, a mãos de corsários Franceses Calvinistas, e os restantes perderam o martírio e mais tarde a religião.

Aquele facto teve enorme repercussão na Europa católica quinhentista, devido em parte às circunstâncias históricas da luta entre a Reforma e a chamada Contra-Reforma e em parte também por causa do inqualificável fanatismo revelado por parte dos seus fautores, imbuídos de espírito Calvinista, o mais extremista entre os Protestantes. Basta recordar que, apesar do pequeno movimento editorial de então, mais de um centenar de obras publicadas nos cem anos seguintes tratam mais ou menos longamente do caso dos

¹ António Franco, *Imagem da Virtude em o Noviciado de Coimbra*, vol. II. Coimbra 1719, p. 91.

“Mártires do Brasil”, como desde logo começaram a ser conhecidos². É que, como diz o autor da *Vida dos Papas*, “acontecimentos como a morte de Azevedo iluminam, duma maneira mais viva o facto que, desde o aparecimento de Calvino e Lutero, achavam-se frente a frente e se combatiam na Europa duas concepções de Cristianismo fundamentalmente diversas não só no campo da doutrina religiosa... Na velha Igreja o pensamento missionário (ao contrário dos pretensos reformadores) sobrevive e entusiasma de novo aos maiores sacrifícios”³.

Dos trabalhos críticos modernos sobre aquele incidente contamos, além das obras de carácter geral, como a *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, tomos I e II⁴, e a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. I e II⁵, o meu trabalho *Inácio de Azevedo: o Homem e a sua Época*⁶ que reputo exaustivo, e o ensaio de António Rumeu, *La Expedición Misionera al Brasil Martirizada en Aguas de Canarias*⁷ que aproveitou também exaustivamente os documentos do Museo Canario de Las Palmas.

O presente artigo não terá, pois, outro mérito do que completar, utilizando outras fontes inéditas, o trabalho de Rumeu, meu caro amigo e erudito investigador.

I.—A SUPREMACIA MARÍTIMA E AS BASES ATLÂNTICAS NO SÉCULO XVI.

Estamos numa das épocas mais perturbadas da história de França: época de Carlos IX dominado pela ambiciosa Catarina de Médicis, época de Coligny e Condé, da Liga e do duque de Guise, do massacre de S. Bartolomeu e da passagem da dinastia de Valois para a de Bourbon. O Calvinismo, como movimento religioso e político, tinha talhado a nação em facções de tendências incertas,

² Podem ver-se em J. Fotio, *Informatio pro Ven. Servi Dei I. Azevedo... excerpta ex variis auctoribus*, Romae 1664.

³ Pastor, *Geschichte der Papst, Pius V*, Friburg 1920, p. 522.

⁴ De Francisco Rodrigues, Porto 1931, 1938.

⁵ De Serafim Leite, Lisboa 1938.

⁶ 2.ª edição, Braga 1958, colecção “Critério”.

⁷ Ediciones Jura, Madrid 1947.

desorientadas, onde pululavam compromissos inconsistentes, adesões por conveniências particulares, tergiversões, vinganças. Desesperando dum apoio estável na casa reinante, os Hugonotes estabeleceram quartel general à sombra de Joana d'Albert, rainha de Navarra e mãe do primeiro Bourbon de França; e, com o favor de Coligny, velejavam da Rochela em curso sobre o Atlântico, a fustigar as frotas Portuguesas e Espanholas, umas vezes de camaradagem com os Ingleses de Plymouth e da ilha de White, outras à compita com eles.

Começa a desenrolar-se a primeira fase duma das lutas mais dramáticas da história marítima, na qual o progresso técnico, a audácia, a astúcia, a sorte se vão lançar no Atlântico, como dados sobre uma mesa de jogo, na concorrência das nações europeias ao comércio do mundo. Dum lado, o bloco da Península Ibérica que reclama o direito de descobridor e explorador das novas terras; do outro, os assaltantes, que sem o trabalho das conquistas e sem o idealismo civilizador de novas raças, acham mais fácil e rendoso tomar no caminho as riquezas acumuladas por outros. E porque os corsários actuam oficialmente fora da lei, as nações que os apoiam recolhem as vantagens sem sofrerem as consequências diplomáticas. Nas chancelarias afirmam-se amizades, concluem-se e juram-se tratados nos quais se reconhecem direitos adquiridos, e ao mesmo tempo, a ocultas, fornecem-se cartas de corso e capital para levantar frotas contra os mesmos direitos. A corte e os seus áulicos são os primeiros a enriquecer com somas enormes das pilhagens⁸.

Daí as nações Peninsulares verem-se obrigadas a tomar represálias, também extra-oficiais, como únicas medidas eficazes para suster o atrevimento dos corsários e defender os combóios marítimos. E se também da sua parte se cometeram actos que não só a religião, mas o próprio humanismo condenam, temos de reconhecer que o fizeram obrigadas das circunstâncias e como um mal necessário.

⁸ Da correspondência do embaixador Espanhol em Londres, conhecemos algumas dessas somas. Podem ver-se em *Calendar of State Papers, série "Spanish"*, vols. II e III, editados por M. A. S. Hume, London 1892-1899. Veja-se também a carta do rei D. Sebastião publicada no fim deste artigo.

A concorrência ao domínio das rotas marítimas começou no século xv entre Portugal e Espanha, ambos ansiosos por canalizarem para os respectivos países as riquezas do Oriente e da América, mas sem luta aberta. Eram dois irmãos levados pelo mesmo ideal, com o mesmo fim religioso, envolvidos em rixas passageiras que os Reis e os Papas procuravam apaziguar o melhor possível⁹. Mas a guerra feroz e sem tréguas começou pouco depois entre estas duas nações e os corsários Franceses, Ingleses e Holandeses apoiados nos poderes centrais que não só os toleravam, mas os auxiliavam. Temos, contudo, de convir que o motivo mais importante desta luta de rivalidades, e por vezes único, era o factor económico e comercial, sobredeirado embora sob capa de religião e política. Se exceptuarmos alguns discípulos de Calvino, imbuídos de fanatismo intolerante, as questões religiosas não preocupavam a tal ponto os marinheiros protestantes que os resolvessem a arrostar os perigos do mar com o único fim de amofinar os católicos. Atacavam Portugal e Espanha não tanto por guardarem a fé de Roma, quanto por monopolizarem o comércio das Conquistas. A religião, porém, umas vezes como pretexto, outras como motivo (e neste caso estão os Mártires do Brasil) originou lamentáveis crueldades dum e doutro lado dos contendores.

Ora a defesa do comércio marítimo dependia essencialmente do domínio do Atlântico e este domínio estava subordinado a dois factores principais: bases marítimas, sobretudo Açores, Madeira e Canárias, e progresso técnico naval.

Não foi necessário que chegasse o século xx com os seus submarinos e os seus aviões para pôr em relevo a importância táctica das ilhas Atlânticas, sobretudo dos Açores, escala obrigatória das naus das Índias de Portugal e Castela, Brasil e Guiné¹⁰. Foi no reinado

⁹ Para a história da concorrência entre Portugal e Espanha, encontram-se documentos abundantes e muito sugestivos em Archivo de Indias, Sevilha, "Indiferente General", Lig. 415, t.º 1.º, e em Biblioteca da Ajuda, Lisboa, "Miscelânea" 51-V-12, fols. 110-112.

¹⁰ "Ilhas Terceiras onde aportam as naus das Índias de Portugal e Castela, Brasil e Guiné" (Archivum Soc. Jesu, Roma, "Lusitania" 62, fol. 198. Outros documentos importantes no mesmo Archivum, "Lusit." 64, fols. 206 e 216). Já nas primeiras décadas do século xvi se faz referência à armada de

de D. João III que começou a sistematizar-se a ideia de comboiar os navios mercantes desde o golfo da Guiné, onde começava a zona perigosa. Pelos fins da Primavera largava de Lisboa o frota de protecção, a qual fazia a ronda dos mares afugentando ou capturando o inimigo e vinha fundear nas Ilhas Terceiras donde vigiava os possíveis atacantes. Já nas primeiras décadas do século XVI se faz menção das naus de Espanha que demandavam as ilhas dos Açores e da armada Espanhola de protecção tomar como base de apoio o porto de Angra¹¹ e, de colaboração com a Lusitana, agirem contra o inimigo comum. Para mal, contudo, do bloco Ibérico, a lealdade não era absoluta quando interesses políticos se interpunham. E a Inglaterra de Isabel I, a grande adversária da Espanha de Filipe II, envidava todos os esforços para separar dela a parcela Lusitana. D. Alonso Pexon, escrevendo ao seu rei, da baía de Lagos, a 15 de Julho de 1553, anunciava a conquista duma nau francesa, mas queixava-se, ao mesmo tempo, que os tripulantes fugiram para Faro, protegidos pela gente Portuguesa “que é muito amiga de Franceses”¹². É claro que a união com Espanha indispunha contra Portugal os inimigos de Filipe II muito mais poderosos do que os inimigos de Portugal. E para evitar as represálias, era natural que o rei Lusitano se sentisse incomodado com a presença frequente da frota Espanhola nos portos das ilhas dos Açores. Sugere esta ideia um estudo apresentado pelo piloto Português ao serviço de Espanha, Bartolomeu Baião, ao Conselho da corte de Madrid, sobre a conservação do Estreito de Magalhães e a navegação entre Sevilha e a América sem tocar nos Açores¹³. E mais significativa ainda é a carta de D. Sebastião ao governador

protecção Espanhola como tomando para ponto de apoio o porto de Angra (Archivum cit., “Lusit.” 62, fol. 188; Archivo de Indias, “Indif. General”, Lig. 1561, cartas de D. Alonso Pexon de 1553). Os adversários reconheciam a importância dessas bases. A 17 de Maio de 1574 avisam de Inglaterra que em Bristol se trama a conquista de Cabo Verde, S. Tomé e Canárias para assim se assenhoriarem do comércio das Índias e Brasil (*Calendar of State Papers*, “Spanish”, vol. II, p. 480).

¹¹ Archivo de Indias, loc. cit., Lig. 1561.

¹² Ibidem.

¹³ Archivo de Indias, “Patronato Real”, Lig. 171, n.º 1, ramo 18.

da Madeira, Simão Gonçalves da Câmara, escrita em Almeirim a 8 de Novembro de 1575, na qual se põe em relevo a duplicidade de atitudes perante o inimigo conforme as conveniências de momento. O tom é calmo, mas sente-se a indignação latente em virtude das atropelias cometidas pelos corsários em contínuos assaltos às Ilhas e às naus, apesar das cláusulas de tratados recentemente concluídos. Como a julgamos desconhecida, daremos aqui um breve resumo dela.

Começa por apontar o perigo dos assaltantes no mar entre a Guiné e os Açores, e encarrega o governador de contratar pessoas competentes para armarem dois navios devidamente apetrechados para vigiarem essas paragens. Terão como base de operações os Açores. Ele, el-rei, dará ordens para que outra armada faça a ligação entre eles e a costa de Portugal e cabo Finisterra. Condição essencial: deve executar-se tudo de modo que “não se entenda que o faz por meu mandado, mas antes que pode recear ser por isso castigado”. A missão desses navios é meter no fundo todas as naus suspeitas, “sem escapar com vida pessoa alguma”. Aos capitães desses navios pertencerá toda a presa tomada e el-rei far-lhes-á, além disso, mercês. O Governador deve fornecer-lhes a artilharia necessária e mais alguma ajuda de custo que pode ir até 600.000 reis tirados do almoxarifado da Ilha (o custo das naus orçava por 750.000). Mas há-de poceder-se de modo que ninguém suspeite que é el-rei quem manda, de tal modo que, no caso de ser impossível manter esse segredo, devia desistir-se da empresa. “Como vedes —conclui a carta—, são necessárias duas cousas: a primeira faze-remse prestes estes navyos e sayrem em todo o caso este verão; e a segunda, não se entender per nenhua vya que eu o consinto”¹⁴.

No que diz respeito ao factor bases, estava Portugal e Espanha em grande vantagem em relação às outras nações marítimas para o domínio do Atlântico, por causa do triângulo Açores-Madeira-Canárias. Mas não bastava. Impunha-se também o factor técnico. A náutica progredia e os estaleiros do Norte começavam a lançar no oceano veleiros rápidos e de fácil manobra com marinagem

¹⁴ Encontra-se o original em Torre do Tombo, Lisboa, “Manuscritos” 1104, fols. 43-45.

bem armada e tecnicamente instruída por pilotos das nações Peninsulares, em muitos casos pelo menos. E não deixa de ser esta uma nota trágica, ou irónica no destino das nações descobridoras: que enquanto estas se vão sentindo impotentes para assegurar a liberdade dos mares, quase todas as grandes expedições dos seus competidores são dirigidas directa, ou indirectamente, por pilotos Portugueses e Espanhóis espalhados pelos vários centros marítimos da Europa¹⁵. Foi em vista do resultado dos assaltos rápidos e destrutivos dos piratas Hugonotes que o capitão L. Cabreta escrevia ao rei, em 1580, que era necessário juntar à armada Portuguesa galeões e galeças segundo a nova invenção, pois o inimigo possuía mais navios e mais bem manejados que sua majestade. As galés podiam ser úteis no Mediterrâneo, mas não no alto mar. Com 12 a 15 navios do novo modelo e 100 galeças, sua majestade seria senhor indiscutível do mar¹⁶.

O factor velocidade foi decisivo no destino de muitas velas que se aventuraram no Atlântico na segunda metade do século XVI. Uma informação do período de que nos ocupamos nota que a viagem da Madeira a Lisboa podia fazer-se em 4 dias, apesar da distância ser de 150 léguas, aproveitando para isso o vento sul. Assim se ilude a vigilância dos corsários, pois ainda que os ataquem, conseguem escapar graças à velocidade. Assim corre o dito entre os navegantes Portugueses: “É mais seguro navegar no inverno do

¹⁵ Veja-se evidência na correspondência do embaixador Espanhol em Londres, em *Calendar of State Papers*, cit., vol. I, pp. 666, 675; vol. II, pp. 157, 239, 243; vol. III, pp. 55, 340. Também há notícias de pilotos do Norte que prestaram serviços a Portugal. Em 1610, quatro Jesuitas embarcaram nas Terceiras a caminho da Madeira, mas andando errantes 40 dias por ignorância do piloto, lançaram ao mar algumas firmas das cartas dos Mártires do Brasil. Logo no dia seguinte avistaram as Canárias, indo desembarcar na Ilha do Ferro. Ali encontraram um grande piloto Inglês, sem um braço, que os levou a salvo até à Madeira (Processos de Coimbra, em *Archivio della Postulazione S. J.*, Roma, estante “Azevedo”, n.º 31).

¹⁶ *Calendar of State Papers*, cit., vol. II, pp. 56-57, referente a 1580. Os navios da nova invenção eram de pequena tonelagem (entre 50 e 200 ton.), com fogo de artifício em vez de arcabuzes, musquetes e castelos construídos de modo a não poderem ser abordados pelos lados (Informação de António de Vega, Londres, em *Calendar of State Papers*, cit., vol. IV, p. 205).

que na primavera ou verão, pois apesar das tempestades, é melhor cair nas mãos de Deus do que ir às unhas dos ladrões”¹⁷. Foi isso precisamente o que faltou à nau “Santiago” em que velejavam Azevedo e seus companheiros. Apesar de encontrar-se a meio caminho entre o perseguidor e a cidade de Santa Cruz de La Palma, de nada valeu à nau Portuguesa, pesada e sobrecarregada, para vir a ser presa do galeão rápido de Jacques de Sores.

II.—A EXPEDIÇÃO MISSIONÁRIA CHEFIADA POR INÁCIO DE AZEVEDO.

Inácio de Azevedo, ou Inácio de Ataíde, como se assinava antes de ser religioso, nasceu no Porto em 1526 e, ainda que filho ilegítimo, descendia de linhagem nobre tanto pelo lado materno como paterno. Legitimado por D. João III para suceder na casa de seu pai¹⁸, renunciou a todas as vantagens mundanas, que eram muitas, e entrou no noviciado dos Jesuítas em Coimbra a 28 de Dezembro de 1548. Sob a direcção de outro célebre mártir Jesuíta, D. Gonçalo de Silveira, começou desde logo a manifestar aquela espiritualidade austera, por vezes ríspida que o caracterizou quase toda a vida, sobretudo nas relações consigo mesmo. Ordenado sacerdote em Braga, em 1553, foi a seguir nomeado reitor do primeiro colégio Jesuíta Português, Santo Antão de Lisboa, começando assim a série de superiorados que nunca mais o abandonariam: de 1554 a 1556 reitor de Lisboa; de 1556 a 1558 adjunto do Provincial, Miguel de Torres; depois, Vice-provincial até 1560; de 1561 a 1564 reitor do colégio de Braga; em 1565 enviado a Roma, na eleição do 3.º Geral da Companhia de Jesus, Francisco de Borja, como representante das Missões; de 1566 a 1568 Visitador do Brasil, o que lhe deu ocasião a tratar dos vários problemas missionários duma maneira tão completa e com uma visão tão realista que o tornam um dos principais missiólogos do século XVI¹⁹; em 1569

¹⁷ Archivum Romanum S. J., “Lusit.” 67, fol. 78 v.

¹⁸ O documento autêntico encontra-se em Torre do Tombo, Lisboa, “Legitimações” Livro X, fol. 135 v.

¹⁹ Tratei deste assunto em *Inácio de Azevedo e a Missiologia Católica*, na revista “Portugal em África”, Junho de 1949, pp. 193-203 (Lisboa).

foi nomeado Provincial do Brasil, organizando a grande expedição missionária que veio a sucumbir a mãos de hereges Franceses, no mar das Canárias, em 1570 e 1571.

A expedição saiu de Lisboa a 5 de Junho de 1570 na armada de D. Luis Fernandes Vasconcelos²⁰, nomeado Governador do Brasil. A lista enviada por Azevedo para Roma contém 57 nomes de religiosos e 17 servidores seculares, mas é certo que durante a viagem alguns mais foram admitidos, como Simão da Costa e outro conhecido pelo nome de S. Joaninho. Porque desde o começo do século XVII tem havido discrepância nos autores quanto ao nome de algunos dos componentes da Expedição, damos aqui a lista completa tirada do dito manuscrito²¹ o qual se encontra em Roma, no Arquivo dos Jesuitas e se intitula: *Catalogo dos que forao este ano para o Brasil. Anno 1570.—Da Provincia de Portugal*: P. Ignatio de Azevedo, P. Diogo d'Andrade professo, P. Pero Dias coadjutor espiritual, P. Francisco de Castro teólogo, P. Afonso Gonçalves confessor, Irmão Gaspar de Gois e Afonso Fernandes teólogos, Bento de Castro, Pero Dias, João Alvares, Belchior Cordeiro, André Paes, Baltasar d'Almeida, Bastião (Sebastião) Afonso, Antonio Suares. *Coadjutores*: Manuel Alvares, Bastião (Sebastião) Alvares, Antonio Lião, Francisco Alvares, Domingos Fernandes, Fernão d'Alvares. *Noviços*: João d'Oliveira, João Fernandes, Antonio Correa, Francisco de Magalhães, Diogo Pinto, Marcos Caldeira, Amaro Vaz. *De Roma*: João Martins. *De Valença*: Antonio Lopez, Miguel Aragonez, João Maiorca. *Da Provincia de Toledo*: Afonso Baena, Estevão Zurara, João de S. Martin, Afonso de Valderas, João de Zafra. *Provincia de Castela*: Francisco de Godoi, Grigorio Scrivão, Fernão Sanches. *Recebidos em Portugal*: P. Jeronimo Serra, subd. Gonçalo Anriques, Alvaro Borrvalho (Mendes), Pero Nunes, Bastião Lopes, Francisco Paulo, Manuel Rodrigues, Nicolau (Diniz), Luis Correa, Diogo Mimoso (Pires), Miguel Rodrigues, Aleixo Delgado, João Sanches, Bras Ribeiro, Luis Rodri-

²⁰ Assim se chamava o Governador do Brasil e não Luis de Meneses, como traz António Rumeu, no ensaio cit., p. 49, ainda que era filho de D. Fernando de Meneses.

²¹ Archivum Romanum S. J., "Brasilia" 5 (I), fol. 9. Desenvolvo as abreviaturas.

gues²², André Gonçalves, Pero Guomes, Gaspar (Alvares), Manuel Fernandes, Antonio Pires, (Manuel) Pacheco, Braz Francisco, Pero Fontoura, Diogo Fernandes, Francisco Baltasar, Antonio Fernandes, um coadjutor, dois alfaiates. *Servidores seculares*: Pero Vaz, Antonio Pires, Paolo e João Rodrigues pastores, Antonio Fernandes, Fernão d'Alvares e Antonio Rodrigues tecelões, Antonio Pires carpinteiro, outro carpinteiro, Bras Moreira sapateiro, Pero Joane, Pero, Gonçalo trabalhadores, um telheiro, pelheiro, outro pelheiro.

A armada de D. Luis compunha-se de 7 naus e uma caravela, "e vão muito bem providos, de modo que não correm perigo dos ladrões do mar"²³. A Capitânia era "uma nau da India, grande e fermosa" com farol e bandeira na gávea. A "Santiago", fretada directamente por Azevedo no Porto, era um navio de mercadores e levava o título de soto-capitânia. Os religiosos Jesuitas distribuiam-se por três naus. Na "Santiago" ia o Provincial com todos os noviços. Estes continuariam na viagem o seu treino espiritual e literário em ordem a uma preparação imediata para o apostolado

²² Em vez de Luis Rodrigues, trazem quase todos os autores do século XVII (e António Rumeu copiou) um certo Juan de Baeza, do qual nada se sabe. Já em outro lugar ("Mensageiro do Coração de Jesus", Braga, Dezembro de 1944, p. 516 ss.) mostrei como não foi João de Baeza mas Luis Rodrigues, o companheiro mártir de Inácio de Azevedo. Primeiramente é esse o nome que aparece nas listas enviadas para Roma no momento da partida das naus. Percorrendo todos os catálogos dos Jesuitas do século XVI, que se encontram em Roma, encontrei um único indivíduo com o nome João de Baeça, mas esse era natural de Tavira, no Algarve e entrou na Companhia de Jesus em 1562 (*Archivum Romanum S. J.*, "Lusit." 43, fols. 169, 173, 198, etc.). Em 1566 o catálogo regista um João da Costa, com a nota de que antes se chamava João de Baeça (Ib., fol. 268 v.). Pode bem ser que estivesse destinado ao Brasil, mas de facto não foi, porque o encontramos ainda em Portugal em 1577 (Ib., "Lusit." 42, fol. 23). Qual o motivo porque este Baeça, ou Baeza mudou de nome e por que numa lista enviada para Roma (Ib., "Lusit." 43, fol. 394) alguém raspou à navalha o nome de Luis Rodrigues substituindo-o por João de Baeza, donde os cronistas posteriores copiaram o erro? Não sabemos. Tenho como certo, para mim, que o lapso veio de Maurício Serpe, na *Informação* que citarei adiante, ter chamado, por engano, João de Baena, ao irmão Afonso de Baena e que escritores conscienciosos, como Possino e Simão de Vasconcelos, copiaram. Assim Baeza não passa dum desdobramento de Baena.

²³ Carta de Leão Henriques, em "Lusit." 64, fol. 53 v.

entre os Gentios a que se destinavam. Acompanhavam o Governador Pedro Dias com mais 20 companheiros. Na “Nau das Órfãs”, “nau marchante e carregada de molheres, religiosos e moradores que hiam ao Brasyll”²⁴ ia o P. Castro com mais três irmãos. O nome desta nau vinha-lhe das meninas que tinham ficado órfãs na grande peste de Lisboa de 1568 e que, recolhidas no mosteiro de Franciscanas de Santa Marta, eram agora enviadas por el-rei a povoar as suas Conquistas. Sairam de Lisboa a 5 de Junho e no dia 12 do mesmo mês entravam a barra do Funchal, portanto com viagem relativamente rápida e sem qualquer percalço. A vida a bordo da nau “Santiago”, durante aquela semana, vem pormenorizadamente descrita na “Informação” de Maurício Serpe e constitui um quadro delicioso mesmo para os leitores do século XX²⁵.

Durante a permanência na Madeira, os sacerdotes exercitaram-se em ministérios apostólicos com o povo, e os irmãos António Fernandes, João de Maiorca e Afonso Baena permaneceram no colégio²⁶ onde tiraram uma cópia da Senhora de S. Lucas, esculpiram um Cristo crucificado e um retábulo da Ceia²⁷. Recordações dos Mártires, que no século seguinte se tornaram lugares de peregrinação, foram a Ermida de Nossa Senhora do Monte onde é tradição Azevedo teve revelação da sua morte ao celebrar a última Missa na Madeira, e a Cruz no Alto dos Pinheiros levantada durante a estadia ali dos missionários²⁸.

D. Luis não tinha grande pressa em abandonar a bela Ilha Atlântica, mas tinha-a o mestre e oficiais da nau “Santiago” que levavam mercadorias para trocarem nas Canárias. Era com impaciência que suportavam a demora do Governador e por isso resolveram fazer pressão junto dele, tomando ao P. Azevedo por intermediário, para obterem autorização de irem adiante: “Que enquanto ele aqui se detinha, eles lá carregavam e descarregavam sua

²⁴ Carta de D. Sebastião, transcrita no fim deste artigo.

²⁵ Carta de Pedro Dias, em “Brasilia” 15, fol. 191.

²⁶ Os fundadores do colégio, chefiados pelo P. Manuel de Sequeira, tinham desembarcado na Funchal a 18 de Março último e dirigiam já uma pequena escola junto à capela de S. Sebastião.

²⁷ Maurício Serpe, *Relaçam*, fol. 96.

²⁸ Cf. o meu *Início de Azevedo*, p. 394.

nau, dizendo que quando D. Luis por ali fosse teriam isto feito e estariam prestes para o acompanhar, porque por ali era nossa viagem”²⁹.

Obtida a licença, pôs-se um grave problema aos religiosos. Inácio de Azevedo era de parecer que não se deviam afastar da armada e que, portanto, deviam aguardar na Madeira até à partida de D. Luis de Vasconcelos, por dois motivos: o primeiro, porque tinham de esperar do mesmo modo nas Canárias com a agravante de serem obrigados a manter-se ociosos; e o segundo, pelo perigo dos corsários que infestavam o mar: sinal evidente de que, se ainda os não tinham visto, corriam rumores certos da sua presença por aquelas paragens. Pedro Dias afirma expressamente que chegou a decidir-se partir ele e ficar Azevedo na companhia de D. Luis, “mas afinal foi ele, creio por ser o mais perigoso e trabalhoso”³⁰. Havia, porém, uma razão em contrário muito ponderosa, qual era a de fazer o trasbordo dos noviços para outra nau, uma vez que a “Santiago” já ia desde Lisboa adaptada a modo de noviciado.

Dos processos de Coimbra consta que era tradição na Madeira que o Provincial, antes de tomar a última decisão, foi, como era seu costume em todos os negócios importantes, celebrar missa na capela de Nossa Senhora do Monte, “de muita devoção e tida na Ilha por milagrosa”, e que no fim fez uma exortação animando os noviços a acompanhá-lo no perigo que dava como certo³¹. Daí a persuasão geral de que houvera revelação. Historicamente, porém, apenas podemos admitir um pressentimento. De qualquer modo não se falou mais em ficar na Madeira. Parece que só quatro noviços recearam expor-se ao perigo e foram substituídos por outros. A 29 de Junho, todos, religiosos, oficiais e marinheiros ouviram missa na capela de S. Sebastião, junto ao colégio, preparando-se espiritualmente para qualquer surpresa que lhes pudesse sobrevir. Partia assim Azevedo com 39 companheiros e 14 ou 15 homens

²⁹ Pedro Dias, *Carta da Madeira*, em “Brasília” 15, fol. 191 v.; *Relaçam*, fol. 95 v.

³⁰ Carta cit., fol. 193.

³¹ Archivio della Postulazione, Roma, Estante “Azevedo”, n.º 31, fols. 7 v., 11, 16, 26.

entre os servidores seculares. Era o dia da Conversão de S. Paulo, 30 de Junho ³².

Sob o pressentimento do perigo eminente, a "Santiago" prosseguiu lentamente a sua rota, até que ao cabo de 8 dias se desenhou ao longe a silhueta da cidade de Santa Cruz de La Palma. Mais duas léguas e meia de caminho e as velas abateriam em porto seguro. Naquele momento, porém, o vento, esse inconstante viajero do mar, fez perder o rumo à nau e a esperança aos corações. A "Santiago" foi obrigada a descair à mão esquerda e a acolher-se a um surgidoiro chamado Tazacorte, onde resolveram desembarcar à espera de vento de feição.

Logo no dia seguinte à chegada, Azevedo vê aparecer vários criados com cestos de uvas, canas de açúcar e outras frutas, enviadas, diziam eles, por um fidalgo Flamengo que vivia a cerca de meia hora de distância e que desejava obsequiar os religiosos da Companhia de Jesus. No mesmo dia à tarde, Azevedo, acompanhado de alguns irmãos e pessoas mais conspícuas da nau foi visitar e agradecer as atenções do fidalgo. Saiu este a recebê-lo ao jardim, todo sedas, rendas e cortezias. E com grande surpresa de ambos vieram a reconhecer-se como antigos companheiros de infância. Os pais de um e outro haviam-se relacionado no Porto quando o filho do Norte veio estabelecer-se em Portugal ³³. Como era tarde, o Jesuíta despediu-se com promessa de voltar no dia seguinte, como fez, acompanhado de 12 religiosos. O fidalgo recebeu-o com o mesmo acolhimento amigo, ostentando ricos vestidos de seda e um colar de grossas contas de oiro. Dirigiram-se imediatamente à

³² É este o dia que trazem os documentos contemporâneos: Dias, Miguel Aragonês e Maurício Serpe, se bem que este último, a fol. 95, afirma que os Missionários permaneceram na Madeira 24 dias, o que deitava a partida do Funchal para 6 ou 7 de Julho, como traz António Rumeu, obra cit., p. 11. A razão, porém que dá este autor para não admitir o dia 30 (ele diz 29), não parece convincente, uma vez que, como vimos atrás, havia já rumores de Calvinistas nas proximidades, o que bastava para Azevedo não ir "bien ajeno a que el pirata calvinista le seguía de lejos sus pasos".

³³ Chamava-se o Flamengo Melchor de Monteverde y Pruss. Pode ver-se em A. Rumeu, *La Expedición Misionera*, p. 12 e ss. mais evidência sobre este episódio.

igreja, construída pelo Flamengo e ricamente adornada, onde este se confessou e comungou à missa juntamente com os religiosos. Depois mostrou-lhes os tesouros da igreja que pôs a todos em admiração, “porque era tanta a seda e prata, veludo e brocado, e estava a igreja tão perfeita e acabada que não parecia aquilo senão igreja e capela de príncipe”³⁴. Percorreu com eles as luxuosas moradias que mais pareciam paços reais e depois dum lauto banquete, visitaram o jardim e parte da quinta. Admiraram a extensão da granjearia de açúcar, criação de vacas, bois, éguas, cavalos e camelos.

Tinham já decorrido cinco dias desde a chegada a Tazacorte e, a instâncias do fidalgo, Azevedo estava resolvido a deslocar-se por terra até à cidade de Santa Cruz de La Palma. Tinha à sua disposição cavalgadas para transporte do pessoal e bagagens. Mas, fiel ao seu propósito de não tomar decisão alguma sem antes consultar com Deus, foi no dia seguinte celebrar missa por essa intenção³⁵. O que se passou no segredo da consciência de Azevedo só Deus o sabe; mas o certo é que saiu de lá resolvido a prosseguir viagem por mar. E ante o olhar interrogador dos companheiros, respondeu: “Que mal nos podem fazer os Franceses senão mandar-nos mais depressa para o céu?”³⁶. Donde concluíram mais uma vez os cronistas que se deu revelação e vão até ao ponto de afirmar que a impressão naquele momento foi tão grande que ao beber o cálice Azevedo ferrou os dentes nos bordos deixando uma marca visível³⁷. As cavalgadas oferecidas pelo fidalgo foram aproveitadas para transportar da igreja à praia, que ficava a três milhas de distância, os religiosos. Isto devia ter sucedido na Segunda-feira, 10 de Julho, e atrás deles vieram de novo os criados do Fla-

³⁴ M. Serpe, *Relaçam*, fol. 97.

³⁵ Pedro Possino, na sua *De vita et morte P. I. Azevedii et Sociorum ejus*, Romae 1679, p. 315 (a melhor obra seiscentista sobre os Mártires do Brasil) diz que este facto se verificou na Igreja de Nossa Senhora das Augústias. O mesmo afirma Cordara, em *Istoria della vita... del B. Ignatio de Azevedo*, Roma 1858. A. Rumeu diz que foi na igreja de S. Miguel (*La Expedición*, p. 12).

³⁶ *Relaçam*, fol. 97.

³⁷ Para a história deste cálice, veja-se A. Rumeu, o. cit., p. 12. Encontra-se hoje na posse dos Jesuítas de Andaluzia, por amável deferência dos quais foi-me possível reproduzi-lo, em fotocópia, no meu livro *Inácio de Azevedo*.

mengo com galinhas, coelhos e grande quantidade de mel e pães de açúcar, com outros manjares para a viagem. À tardinha apareceu o fidalgo em pessoa a despedir-se do amigo. Religiosos, oficiais e soldados acorreram ao portaló e ao subir para bordo o hóspede ilustre a artilharia disparou em saudação protocolar. Na varanda da popa foi-lhe servida uma merenda de frutas e doces da Madeira e exposta a imagem da Senhora de S. Lucas. À despedida, de novo as peças lançaram ao vento os seus urras de bronze. Ao lusco-fusco matutino de Terça-feira, 11 de Julho ³⁸, a "Santiago" desencostou e entranhou-se na floresta das ondas, deixando atrás de si, na memória dos nativos, o bom exemplo dos religiosos. De facto, ainda em 1633, nos Processos de Coimbra, jurou o Jesuíta Toletano Alonso de Andrade que estivera um ano antes nas Canárias com pessoas entre os 70 e os 100 anos, sendo algumas delas ministros da Inquisição, sacerdotes e advogados, as quais se lembravam da atitude cheia de modéstia dos religiosos nas idas e vindas dum igreja chamada Caosum e doutra junto ao porto de Tazacorte; ou quando se deslocavam a Nossa Senhora das Angústias a 3 milhas do porto ³⁹.

Por terem ali interesses comerciais, a intenção dos mercadores era tocar primeiro na ilha Gomera, mas depois dum grande rodeio onde gastaram toda a Quinta e Sexta-feira, ao amanhecer de Sábado lobrigaram a 2 ou 3 léguas a cidade de Santa Cruz de La Palma. Mas a satisfação causada por aquela vista foi-lhes cortada pela voz do vigia da gávea "dizendo que via huma vela grossa e dahi a pouco tornou a bradar que via outras quatro velas menores. Ouve logo grande alvoroço em toda a nao; alguns cuidaram que era a armada do Governador D. Luis que ficara na ilha da Madeira, porque a major vela era huma fermosissima nao que parecia nao da India. Mas esta como vinha tam dianteira mui presto se chegou tam perto que os nossos todos assentaram que erão franceses; e não se enganarão, porque era Jaque Soria, hum famoso

³⁸ Os autores variam ao designar o dia da partida de Tazacorte. Mas Mauricio Serpe, na *Relaçam* cit., fol. 97 v., diz expressamente que saíram na Terça-feira.

³⁹ Citado por Possino, *De vita*, cit., pp. 315-316.

cossairo capitão da Rajnha de Navarra... mui antiguo neste officio, porque servia em outro tempo soto-capitão de Pé de Pao quando saqueou a Ilha da Palma”⁴⁰. À vagarosa e sobrecarregada nau “Santiago” nada valeu o avanço que levava ao perseguidor para se acoitar em alguma enseada da costa. Nada lhe restava senão tornar-se presa dos rápidos e bem manobrados veleiros franceses.

III.—RENDIÇÃO DA NAU “SANTIAGO” E MARTÍRIO DOS 40 JESUITAS.

Quase ao mesmo tempo que D. Luis de Vasconcelos deixava a barra de Lisboa, zarpava do porto da Rochela Jacques de Sores, o já famoso corsário Francês, no seu navio “Le Prince”, e mais seis ou sete unidades, para o seu lucrativo, apesar de contingente, curso sobre o Atlântico, à espera das naus mercantes espanholas. Depois de infestar as costas da Península, dirigiu-se à Madeira tomando no caminho uma nau flamenga na qual viajavam dois frades Franciscanos chamados Fr. João de S. Pedro e Fr. Jerónimo, além do mestre-escola da catedral do Funchal de apelido Mendes. Quando a “Santiago” se destacou da armada a caminho das Canárias, andava Sores a roubar e maltratar pobres pescadores de Santa Cruz, lugarejo a umas cinco léguas do Funchal. Os habitantes, espavoridos, vieram dar alarme a D. Luis, o qual, tomando parecer com o Capitão da Ilha, resolveu sair-lhe ao encontro. O corsário apareceu à vista do porto, no dia 2 de Julho, com uma frota de 7 velas. Estava naquele momento António de Carvalho a jantar na sua casa de Machico, e interrompendo imediatamente o repasto desceu à praia a dispor a artilharia do castelo. O inimigo, porém, enviou a terra um batel com uma bandeira branca pedindo que lhe dessem água a troco dos frades que levava cativos. Parece que a proposta não foi aceite e finalmente D. Luis saiu ao mar, no dia 8, com dez velas artilhadas. Prudentemente, o Francês achou que não podia medir forças e aproveitou-se daquilo em que era superior aos Lusitanos, a velocidade, desaparecendo no horizonte. “E as dez velas tornaram para o porto, no dia seguinte, contentes

⁴⁰ *Relaçam*, fol. 97 v.

por terem enxutado daqui Jacques Soria”, diz uma testemunha de vista, não sei se com ironia ou melancolia ⁴¹. De facto, o único resultado obtido com enxutá-lo dali foi lançá-lo mais depressa sobre a nau “Santiago”. Tivesse-se verificado o imponderável de algumas horas apenas de atraso na saída de D. Luis, e a nau portuguesa acolher-se-ia na segurança do porto de Santa Cruz de La Palma. Mas toda a história é tecida destes imponderáveis.

Segundo os documentos coevos, que vamos seguindo, no momento de abordar a “Santiago”, a frota calvinista compunha-se de 5 unidades, sendo a capitânia a nau “La Prince” adaptada duma nau veneziana levandisca a modo de galeão ⁴². Estava equipada com 300 homens de peleja, bem defendidos com saios de malha, capacetes e armas brancas, e as naus vinham “bem providas de artilharia toda de bronze”. Tanto os oficiais Portugueses como Azevedo se pronunciaram pela resistência, apesar de ser fácil de prever o desfecho. Qual o motivo duma tal decisão, se o caso era desesperado? Há circunstâncias em que a rendição não desdoira, e a resistência é uma locura. Talvez porque sabiam que em nenhuma hipótese o Calvinismo seria misericordioso para com os religiosos. A exortação que o Jesuita dirigiu aos seus súbditos foi ampliada, no período do barroco, num discurso em forma clássica, bem elaborado ⁴³. Na realidade resumiu-se em palavras muito simples “mas mui eficazes e com muito sentimento e de ânimo mui determinado”. Foram consevadas de outiva pelo irmão João Sanches, o único Jesuita sobrevivente: “Irmãos, aparelhemo-nos todos porque hoje, este dia, havemos de ir povoar um colégio no céu. Ponhamo-nos todos em oração e façamos de conta que esta é a derradeira que havemos de ter nesta vida. Alévantou-se logo uma oração em altas vozes de todos os irmãos e, falando todos com Deus, romperam nestas palavras: Senhor, faça-se em mim vossa

⁴¹ Pedro Dias, *Carta*, l. cit., fol. 191 v.; Gaspar Frutuoso, *As saudades da terra*, Funchal 1873, p. 102; *Calendar of State Papers*, cit., vol. II, pp. 245, 275; *Relaçam*, fol. 98.

⁴² *Relaçam*, fol. 98; *Monumenta Historica Soc. Jesu, Polanco, Complementa*, vol. II, Matriti 1917, p. 773.

⁴³ Veja-se, por exemplo, Simão de Vasconcelos, *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, Lisboa 1865, Parte IV, n.º 32.

santíssima vontade. Senhor, aqui estou prestes pera tudo quanto vós quizerdes fazer. Senhor, ainda que morra mil mortes, faça-se a vossa santíssima vontade”⁴⁴.

Quando o inimigo, que parecia que “voava” sobre as ondas, não distava mais que “um tiro de bombarda”, o capitão da nau portuguesa pediu a Azevedo que escolhesse os irmãos “mais bem dispostos” para o auxiliarem na peleja. Negou-se o Padre. Quem morre pelejando para defender a própria vida, não é mártir. Prometeu-lhe, contudo, escolher um pequeno número dos mais experientes para animarem os contendores e curarem os feridos. Foram eleitos onze entre os que “eram mais homens”, a saber: os Portugueses Manuel Álvares, Gonçalo Henriques, Manuel Pacheco, Diogo Pires, António Soares, Padre Andrade, e os Espanhóis João de Maiorca, Peres Godói, Estêvão Zuraire, João de S. Martin e Afonso de Baena. Não deixa de despertar interesse a descrição dos pormenores dum combate marítimo quinhentista e por isso resumiremos aqui, do manuscrito de Maurício Serpe, as fases da luta que precederam a rendição da nau “Santiago”.

Colocando-se a par da nau portuguesa, Sores deu-lhe ordem para amainar. A resposta lusitana foi “despejar nela toda a artilharia”, matando-lhes “um bom golpe de gente”. O adversário ripostou e trocou-se tiroteio. No primeiro ataque, a “Santiago” ficou uns instantes ferrada, mas conseguiu safar-se do gancho ao tempo que três Franceses lhe saltavam para dentro. Estes, fiados na invulnerabilidade das malhas de ferro, correram através da xareta para atacarem os Portugueses na popa. Sairam-lhes ao encontro o mestre, piloto, calafate e outros e a poder de lançadas conseguiram derrubá-los e depois rolá-los às ondas. O próprio peso das armaduras arrastou-os para o abismo. Um dos desaparecidos era João Boucard, parente de Sores e seu lugar-tenente, o que excitou o ódio do chefe Hugonote. Tentou, pois, nova abordagem, mas com tão má sorte que outros três correligionários, ao tentarem saltar para a nau “Santiago”, desapareceram também nas ondas. A nau portuguesa conseguiu esquivar-se a uma terceira tentativa dos ganchos de ferro, mas entretanto fechava-se o cerco

⁴⁴ *Relaçam*, fol. 98.

com as outras velas inimigas as quais começaram a metralhá-la impiedosamente. Ao perpassar mais uma vez por ela, "Le Prince" ferrou-a pela popa, meteu-lhe dentro 50 soldados bem guarnecidos "de armas brancas reluzentes" e afastou-se para o largo a aguardar o desfecho da luta. Os soldados Portugueses não passavam de 30, armados de capas, espadas, algumas rodela e lanças, indumentária mais de torneio galante que de guerra. No acanhado espaço duma nau quinhentista desenrolou-se, durante minutos, uma batalha com todas as características da época: tinir de espadas que se cruzam, remoques, injúrias atiradas uns aos outros como quem atira pedras, de papistas, cães, hereges. Encostado ao mastro central, com a imagem da Senhora de S. Lucas contra o peito, Azevedo encorajava os representantes da fé Romana: "Irmãos, defendei a fé de Cristo. Irmãos, pela fé católica e pela Igreja Romana". E lembrava aos que renegaram essa fé o castigo que os esperava na outra vida.

Os jovens religiosos, desenvolvidos em atmosfera de ascetismo activo e idealismo combativo, escutavam impacientes, no recolhimento dos beliches, o ruído da luta. Suplicaram a Bento de Castro, seu superior imediato, que os deixasse ir morrer lá fora. Castro negou-lhes o que escolheu para si. Abraçou-os um por um e com as palavras: "Vou morrer por meu capitão", rompe pelo convés até à proa onde mais enfuriava o combate. De pé no bordo da nau, enfrentando o galeão de Sores varado a pouca distância, começa a repreender ásperamente a cegueira dos que se desmembraram da fé católica. Sores mandou ripostar-lhe com três pelouros que o deixaram indiferente. Aproximaram-se dele três soldados e, a mão tente, cravaram-lhe sete punhaladas. Castro continuou pregando como se aquilo não dissesse com ele. Um encontrão jogou-o, finalmente, ao mar. Foi a primeira vítima da falange de Inácio de Azevedo.

Este continuava no seu posto dando ordens aos súbditos ocupados na cura dos doentes e inculcando coragem nos defensores da nau. Duas cutiladas na cabeça fizeram-no tombar enquanto pronunciava a sua profissão de fé: "Todos me sejam testemunhas como morro pela fé católica e pela santa Igreja Romana". Retirado para o beliche, ali expirou entre as lágrimas e as lástimas dos

noviços, que se viam sem pai e sem pastor. A cena de ternura que se desenrolou à volta de Azevedo moribundo contrastava fortemente com a cena de ódio que se manifestava sobre o convés da nau. Antes do Superior já tinham sido mortos Diogo Pires com uma lançada, João de Maiorca alijado ao mar “em corpo e alma”, Manuel Rodrigues, Pacheco, Gonçalo Henriques e Zurairé ⁴⁵.

Com a morte do capitão e mestre da “Santiago”, os Portugueses depuseram as armas ⁴⁶. O sentimento de camaradagem brotou espontâneo nos corações dos soldados. Vencedores e vencidos misturaram-se como velhos camaradas do mesmo ofício a quem a vida faz passar maus bocados. Só o calafate e o piloto, levados à presença de Jacques de Sores, foram degolados à sua vista como represália pela morte de João Boucard. Todos os mais foram poupados, excepto os Jesuitas. Estes não podiam acamaradar com a heresia e foi como representantes da verdadeira Igreja de Cristo que se viram sacrificados ao ódio sectário. A mesma meticulosidade que punham na separação dos religiosos e leigos era sinal do seu desígnio malévolo. Os Jesuitas distinguiram-se pelo barrete, roupeta e barba rapada, pois nenhum deles procurou disfaçar-se ⁴⁷. Obrigados a dar à bomba para a nau se não ir a pique, foram o juguete de todas as grosserías que os verdugos se lembravam de inventar, “como se ganhassem perdões em os aperrear”. E o fana-

⁴⁵ *Relaçam*, fol. 98 v., ss.

⁴⁶ A desvantagem lusitana não estava só na velocidade e armas ofensivas, mas também nas defensivas. As malhas de ferro francesas tornava-os praticamente invulneráveis. Basta lembrar o que sucedeu quando um marinheiro Português derrubou um adversário. Estando armado apenas duma lança, quis desamarrar a espada do braço do inimigo, mas não o conseguiu e não via modos de lhe tirar a vida. Finalmente, tomando uma faca delgada, conseguiu introduzir-lha por uma fenda do saio de malha, na ilharga e assim sangrá-lo (Vasconcelos, *Cronica* cit., IV, n.º 41).

⁴⁷ É significativo o que sucedeu com um passageiro. Teve a má sorte de usar um largo roupão, o qual, para olhos não habituados, dava ares de sotaina eclesiástica. Foi o bastante para o classificarem entre os pretes. “Ele, quando aquilo viu, dava-se já por morto e por mais que dizia e gritava que não era prete, não lhe valia.” Finalmente, a sua mesma atitude era prova do que afirmava e largaram-no (*Relaçam*, fol. 105). Os religiosos nem suplicavam, nem tremiam.

tismo intolerante chegou a praticar crueldades completamente indesculpáveis, como sucedeu com o antigo pastor Alentejano, Manuel Álvares. É certo que pela sua atitude quase provocadora, este irmão tinha chamado a atenção dos asaltantes durante o combate, pois excitava os defensores “com tão grandes brados que por cima de todo o estrondo das armas atroava toda a nau”. Mas pagou bem caro a sua ousadia. Terminada a luta, com todo o sangue frio, deitaram-no por terra “e lhe retalharam o rosto com cutiladas e lho fizeram todo em fatias”. Depois, à força de golpes com os canos dos arcabuzes, esmigalharam-lhe os ossos das canelas e dos braços, deixando-o ainda com vida “para o verem mais penar”. Mas não tiveram a satisfação de lhe escutarem uma queixa ou um pedido de misericórdia.

Vendo a fraqueza dos noviços, cansados de dar à bomba, o Padre Andrade abordou o novo capitão da nau, Messieu Merlin, e pediu-lhe, em latim, que lhes mandasse dar algum alimento. A resposta foi o Francês corrê-lo brutalmente à bofetada. Mas não é aqui o lugar de seguir todos os passos daquela tragédia. Sem uma provocação, sem outro motivo que não fosse a diferença de crença religiosa, cerca de trinta jovens entre os 15 e os 25 anos, quase umas crianças, foram fria e cruelmente sacrificados.

Eram 9 horas da tarde quando Jacques de Sores mandou aproximar a sua nau da “Santiago” e com a voz irada, não de juiz, mas de carrasco, pronunciou a sentença em castelhano: “Jeta, jeta a la mar los perros pretes, monas”⁴⁸.

Apesar do pintor Borgonhês Jacques Courtois ter incluído no seu quadro da execução dos religiosos um ângulo de terra da ilha de La Palma, com cavaleiros e espectadores, é certo que só os das naus podiam ser testemunhas daquela cena de ferocidade que se

⁴⁸ *Relaçam*, fol. 105. Como prova do rigor histórico com que foi composta a *Enformação*, ou *Relaçam* do P. Mauricio Serpe, damos aqui a nota com que o autor a conclui: “Faltão nesta informação algumas couzas que dantes se tinham escritas em cartas, por relação de pessoas de fora da Companhia, das quais nos não atrevemos afirmar senão as que achamos confirmadas por testemunho do irmão Sanches e por essa mesma cauza da sentença de Jaque Soria tiramos estas palabras (“que vão semear falsa doutrina ao Brasil”) porque o irmão não se lembra que as ouvisse, ouvindo as demais”.

desenrolava a cerca de cinco léguas da praia ⁴⁹. Os 27 ou 28 Jesuítas que ainda restavam com vida foram todos lançados ao mar, os de mais idade depois de os ferirem com cutiladas, e os mais novos sem ferimento algum. Só o irmão Sanches, “moço pequeno”, cozinheiro, deixaram com estas palavras: “Este é bom garçon; vete, vete a la cozina”. O seu lugar foi preenchido pelo sobrinho do capitão, natural do Minho, que já tinha promessa de Azevedo para ser admitido na Companhia e que era conhecido dos navegantes pelo nome familiar de S. Joaninho, completando-se assim o número de 40 ⁵⁰. Os Portugueses, impotentes e com as lágrimas nos olhos, “os viam andar por riba das aguas... como que falavam uns com os outros”. E como fazia calma e o mar estava transparente, “os viam ir ao fundo até muito abaixo e não tiravam os olhos deles até que os perdiam de vista, a qual vista para eles era grande mágua e dor de coração”.

Liquidados os religiosos, o Domingo passaram-no os corsários em busca de suspeitas riquezas, pois a “Santiago” ia carregada com a bagagem dos missionários: caixotes, baús, trouxas com bulas pontifícias, indulgências, constituições, patentes, anotações, cartapácios, manuscritos, relíquias, rosários, estatuetas, telas, quadros, paramentos, cálices. E todos esses objectos iriam, por sua vez, ser vítimas da fúria herética. O que dava esperança de ganho, arrecadou-o cada qual para si; o resto, depois de espezinhado, ludibriado, profanado, foi alijado às ondas. Um Santo Lenho levaram-no à cozinha ao irmão Sanches para que o deitasse ao fogo. Como ele se recusasse, carregaram-no “de couces e bofetadas” e lançaram-no eles, motejando: “Olha, perro, como arde!” Armaram uma espécie de Calvário sobre o qual espetaram um crucifixo e, numa paródia indigna, começaram a entoar-lhe o moteto: “O Christe Sancte”. Depois estenderam-no sobre uma mesa e cobriram-no de golpes. “Todavia, a imagem da Virgem Nossa Senhora tirada pela de

⁴⁹ *Relaçam*, fol. 110.

⁵⁰ *Relaçam*, fol. 105 ss.; Pedro Dias, *Carta*, l. cit., fols. 192-193 v.; Carta de Leão Henriques, em Arch. Romanum S. J., “Lusit.” 64, fol. 96 v.; Daniel Bartoli, *Degli uomini e de fatti della compagnia di Gesu*, Torino 1847-1850, IV, p. 100.

S. Lucas guardaram e pasmaram de ver tam fermosa e tam veneravel pintura”.

No mesmo Domingo velejou Jacques de Sores rumo à ilha Gomera a abastecer-se de vinho e água ⁵¹. Ali mandou reparar a nau “Santiago” e nomeou capitão dela ao senhor de Hay para se empregar no corso. Em abono da verdade temos de declarar que nem todos os apaniguados de Sores aprovaram a sua atitude de ferocidade inqualificável para com os inocentes Jesuitas. Ainda na ilha Gomera um marinheiro natural da Bretanha afirmou aos Portugueses cativos que os da sua nau ficaram muito mal impressionados com o gesto do seu chefe e concretizou: “Quando lançaram os pretes ao mar e quando nós víamos que passavam junto dela, alguns nadando e com as mãos alevantadas, disse o capitão: ‘Chamai-os, chamai-os, salvemos a vida a alguns deles’. Mas nenhum dos mártires se aproximou, ou porque as naus já iam à vela, ou porque não se fiassem das boas intenções deles” ⁵².

Da Gomera voltou Jacques de Sores ao Funchal a fazer negaças a D. Luis de Vasconcelos e partiu finalmente para França, fazendo a sua entrada na Rochela em Agosto seguinte. A “Santiago” andou 5 meses nas costas de Portugal e Galiza, aprisionando quatro navios Portugueses e seis de outras nacionalidades. Durante esse tempo, em conversa com o irmão Sanches, os Hugonotes declararam, por mais duma vez, que por nada deste mundo perdoariam a vida aos Jesuitas, que eram considerados os mais figadais inimigos da sua seita. Eram eles que em França conservavam o rei e o povo fiéis ao Papa, impedindo que a nação se unisse na religião Calvinista.

⁵¹ O que se passou nesta ilha Canarina, vem detalhadamente descrito no citado opúsculo de A. Rumeu, *La Expedición Misionera*, pp. 22-43, para onde remetemos o leitor. A volta da tela da Senhora de S. Lucas que Azevedo levava consigo (além da lâmina de bronze que segurava nas mãos ao morrer), teceram-se várias lendas, havendo quem a identificasse com a actual tela da catedral da Baía, Brasil. Já noutra lugar (*A Tela de Nossa Senhora da Catedral da Baía*, em “Portugal em África”, Lisboa, Novembro de 1950, pp. 321-330) provámos a inconsistência dessas lendas. A tela da Baía foi obtida em Roma dois anos mais tarde.

⁵² *Relaçam*, fol. 107.

Por alturas da Galiza faltou-lhes a água, morrendo alguns no terrível tormento da sede. Forçados da necessidade, 7 ou 8 saltaram em terra, mas nunca mais voltaram. Soube-se, mais tarde, que tinham sido presos e, conhecidos como hereges, queimados vivos em Santiago de Compostela⁵³. Pouco depois aprisionaram uma nau de Bretões, mas a nenhum molestaram. Contentaram-se com enviar-lhes o piloto e um ministro “mui empedrados em seus erros” para lhes pregarem a doutrina de Calvino. Passados dias surge-lhes um barcote biscainho, o qual, ao ver-se perseguido, disparou o “berço” que levava escondido, tirando a vida ao dito piloto e ao zeloso ministro da religião. Com uma escolta de 11 velas apre-sadas durante cinco messes, a “Santiago” tomou o rumo da Rochela; mas uma tempestade, no Cabo Finisterra, dispersou-as todas de modo que duas apenas chegaram ao destino. Das demais nada se soube, excepto de duas portuguesas cuja marinhagem, tendo-se desfeito dos hereges com certeza dum modo pouco amigável, conduziu-as para Lisboa⁵⁴.

Mal a “Santiago” acabava de atracar naquele “velhacouto de hereges e ladrões”, apareceu ali em pessoa “a Bandomeza que se intitula rainha de Navarra” a perguntar pelo barril de oiro de que lhe falara o contra-mestre. Depois de muitas buscas e rebuscas, encontrou-se, de facto, um grande barril, junto ao mastro. Ao abri-lo ante o olhar desapontado da cubiçosa soberana apareceu cheio de pratos de estanho que naquele momento deviam andar a servir no refeitório dos colégios do Brasil. Depois, na presença do irmão Sanches, perguntou: “Que é dos pretes Jesuitas?” Respondeu o capitão que não havia nenhum, que todos tinham sido lançados ao mar. Espantada com a inesperada notícia, mandou chamar Jacques de Sores e quis saber o motivo de tal crueldade. O astuto corsário respondeu: “Eu não os mandei lançar, mas eles com medo de mim por sua vontade se lançaram”⁵⁵. Os despojos das presas deram ainda para carregar dois navios que enviaram a negociar ao Brasil. Encontraram, porém, o Duque de Alba, governador da Flandres, que os meteu a pique.

⁵³ Ibidem, fol. 110 v.

⁵⁴ Ibidem, fol. 110 v.

⁵⁵ Ibidem, fols. 108-111.

Os poucos prisioneiros Portugueses que desembarcaram em França, foram-se escapando como puderam, e outros ficaram à espera de resgate. Entre os últimos estava o irmão João Sanches que servia em casa de Sores em mísero estado, descalço, sem camisa nem chapéu, coberto apenas com a samarra. Os próprios hereges se apiedavam dele e diziam-lhe sorrindo que parecia S. João Baptista com a pele de camelo. Finalmente, a pedido do senhor de Hay, a rainha deu-lhe licença de voltar à pátria juntamente com onze Portugueses. Não vamos narrar aqui a longa odisseia daquela viagem. Magros, andrajosos, lá partiram a pé esmolando de porta em porta, contando por toda a parte a história das suas desditas. Todos se compadeciam deles, sobretudo as mulheres que ficavam a rogar pragas a quem tanto mal fizera em tempo de paz⁵⁶. Era no pino do inverno. O irmão Sanches foi bater à porta do colégio dos Jesuitas de Oñate, na Biscaia, onde a narração dos sucessos dos Mártires do Brasil pôs espanto e amargura nos corações de seus irmãos em religião. Bem provido de viático e com cartas de recomendação, continuou a viagem até ao colégio de Évora, donde foi chamado pelo Provincial Leão Henriques a Lisboa. No colégio de Santo Antão fez relação minuciosa de tudo, narração essa que chegou até nós no manuscrito original do P. Maurício Serpe⁵⁷. Em 1578, João Sanches foi despedido da religião⁵⁸.

IV.—DESTINO DO RESTO DA EXPEDIÇÃO.

Há homens que parece terem nascido com um destino fatal e nele arrastam todos aqueles que a eles se ligam. D. Luis Fernandes de Vasconcelos foi um destes. A primeira vez que saiu ao mar como

⁵⁶ Ibidem, fol. 111 v.

⁵⁷ O original, com o título de *Enformação*, encontra-se em Roma, no Archivio della Postulazione S. J., estante "Azevedo", n.º 30. A melhor cópia encontra-se na Biblioteca Publica Municipal, do Porto, "Manuscrito" 554, com o título de *Relaçam* e da qual me servi neste trabalho. Conheço mais quatro cópias: 2 em Lisboa, uma em Évora e outra, incompleta, em Biblioteca de la Academia de la Historia, Madrid, tomo 22 (11-10-3).

⁵⁸ "Lusit." 43, fol. 522.

comandante duma armada, foi em 1557, com 5 naus para a Índia. Logo à saída do Tejo abriu-se a nau Capitânia, obrigando-o a esperar até ao mês de Maio, já demasiado tarde para apanhar a monção. Foi, pois, obrigado a seguir a rota do Brasil, onde invernou, chegando à Índia no ano seguinte. Na volta ao reino, naufragou junto à Ilha de S. Lourenço (Madagascar), vendo perecer miseravelmente a maior parte da tripulação⁵⁹ e se não acabou às mãos do gentio foi porque uma nau portuguesa, que por acaso ali abordou, o levou de novo ao Oriente. Quando mais tarde desembarcou em Lisboa, trazia como única riqueza a experiência do mar e a memória de cenas horrorosas dos naufrágios.

Nomeado Governador do Brasil, a peste de Lisboa e talvez o seu carácter inactivo retardou a saída da frota até Junho de 1570, demasiado tarde para colher os ventos favoráveis do Golfo da Guiné. Parece que isso o não preocupava muito, pois tinha sempre o expediente do refúgio na agradável Ilha da Madeira. Lá o vieram encontrar os primeiros navegantes da "Santiago" resgatados na Ilha Gomera, depois do assassinado de Inácio de Azevedo e seus companheiros. É natural que a impressão causada fosse extraordinária, do que são prova as cartas do P. Pedro Dias, agora Superior dos Missionários, e de Miguel Aragonês⁶⁰. São estes os primeiros documentos e bastante exactos, dos sucessos do martírio. O sentimento predominante é de pena, por não terem sido dignos de partilhar tão invejável destino, qual é o do martírio, ainda

⁵⁹ Veja-se *Relação do Naufrágio da nau Santa Maria da Barca*, em "História Trágico-Marítima", n.º VI.

⁶⁰ O original da Carta de Pedro Dias (só a assinatura e as emendas é que são autógrafas), escrita da Madeira a 17 de Agosto de 1570, encontra-se em Archivum Romanum S. J., "Brasilia" 15, fols. 191-193. Foi enviada de Lisboa para Roma pelo Provincial Leão Henriques, a 10 de Setembro com esta nota: "mas não se deve publicar sem se mandar mais verdadeira e larga informação" (Ib., "Lusit." 64, fol. 88). A carta de Miguel Aragonês é de 19 de Agosto e foi escrita para os religiosos do colégio de Valencia. Não se conhece o original, e as cópias apresentam variantes; a mais perfeita é a que foi publicada por Bartolomeu-Alcázar, em *Chrono-Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia de Toledo*, Madrid 1710. A 2 de Maio de 1572 enviava Jerónimo Nadal de Roma ao P. González Esquivel, em Toledo, uma cópia da carta do P. Pedro Dias (*Monumenta Hist. Soc. Jesu, Nadal IV*, p. 807).

que “não sei se nos caberá a mesma sorte ... porque Jaque Soria diz o deseja muito, que anda esperando D. Luis. Não tardará muito que nos partamos”⁶¹.

A 17 de Setembro seguinte, o Provincial de Portugal, Leão Henriques dá para Roma a súplica da carta de Dias e continua: “Parece foi ordem de Deus prover que fosse ao Brasil Pero Dias, pera neste desemparo ficar com os outros irmãos que vão que são como trinta... Pero Dias poderá ajudar lá muito por ser mui expediente em coisas da Companhia e mui resoluto na moral”⁶².

Apesar dos rumores dos corsários de que temos eco na carta de Pedro Dias, o Governador do Brasil conseguiu ainda matalotagem para equipar duas naus, e por fins do mês de Agosto abandonou a bela Ilha Atlântica, navegando rumo a Cabo Verde. Os religiosos repartiam-se pelos dois navios chefiados respectivamente por Dias e Castro. Uma importuna doença começou logo a molestar os passageiros e, na esperança de conseguirem algumas melhoras, fizeram-se na volta da Guiné; mas as calmarias desse Golfo só agravaram a situação. As naus tornaram-se dois hospitais ambulantes e os religiosos viram-se obrigados a ser ao mesmo tempo médicos, cirurgiões e enfermeiros dos corpos e das almas. “Como se quantas misérias há nesta vida tivessem tomado à sua conta estes navegantes”, comenta um cronista setecentista⁶³, mal foi debelada a doença, caíram sobre eles os ventos e as tempestades que os levaram até à vista do Brasil. Mas estava escrito que não entrariam naquela, para eles, terra da promessa. Todos os esforços foram baldados para dobrarem o Cabo de Santo Agostinho, e o capricho dos ventos, aliados das correntes, levaram-nos para as Índias de Castela. Francisco de Castro, com a nau do Governador, aportou à ilha de S. Domingos, e Pedro Dias a Santiago de Cuba⁶⁴. Entretanto D. Luis tentou forçar de novo o destino; mas entrar no mar e desabarem sobre ele os temporais, foi uma e a mesma coisa. Foi arremessado de novo para as Antilhas, por onde

⁶¹ “Brasilia” 15, fol. 191.

⁶² “Lusitania” 64, fol. 119.

⁶³ Ant. Franco, *Imagem da Virtude em o Noviciado de Coimbra*, II, p. 128.

⁶⁴ Carta do colégio de Santo Antão para o Padre Ribadeneira, em *Archivo della Postulazione*, Roma, estante “Azevedo”, n.º 30.

se demorou cinco meses, até que, na companhia de apenas 4 religiosos aportou a Angra, nos Açores, pelos fins de Junho de 1571. Temos uma carta escrita pelo reitor do colégio das Terceiras, P. Pedro Gomes, datada a 28 de Junho daquele ano que diz assim: "Haverá 4 ou 5 dias que chegaram a esta cidade [Angra] o P. Francisco de Castro com três irmãos que iam para o Brasil os quais com ventos foram dar na ilha de S. Domingos das Indias Espanholas e daí vieram aqui para ver se podiam daqui tornar ao Brasil, e esperamos que chegue a esta cidade, em breve, o Padre Pedro Dias com 13 irmãos que ficaram vivos dos que iam para o Brasil"⁶⁵. Duma carta do mesmo Padre de 6 de Julho seguinte, sabemos que Dias não tinha chegado e que os três companheiros do P. Castro eram os irmãos estudantes Pedro Dias e Gaspar de Góis, e o coadjutor Fernão d'Álvares⁶⁶.

Entretanto o Padre Pedro Dias continuava em Santiago de Cuba onde gastou toda a Quaresma em pregações, confissões e outros ministérios espirituais com os colonos Espanhóis, esperando por melhores dias. Tendo disso notícia os Padres da Missão da Flórida, partiu de La Havana o P. António Sedenho a confortar os naufragos e a tentar resolver-lhes a situação. A nau encontrava-se completamente desmantelada, e como era impossível conseguir ali outra, resolveram partir todos para La Havana. Puseram-se a caminho a pé por terras de Indios, alagadiças, e ao fim de três dias meteram-se numa barcaça tão pequena que não se podiam abrigar do vento e da chuva. Assim percorreram as 164 léguas que faltavam, sendo finalmente acolhidos caridosamente pelos Jesuitas de La Havana⁶⁷. Conseguiram depois lugar num navio castelhano que os desembarcou nas Ilhas Terceiras, já entrado o mês de Agosto.

D. Luis de Vasconcelos encontrava-se abandonado de coragem e de gente. Cerca de 60 pessoas tinham-lhe morrido nos contratempos da viagem, outros tinham ficado em S. Domingos e outros finalmente, para escaparem ao destino implacável que o perseguia,

⁶⁵ "Lusit." 64, fol. 200 v.

⁶⁶ Ibidem, fols. 204, 206.

⁶⁷ Carta cit. de Pedro Gomes, "Lusit." 64, fol. 206.

partiram dos Açores para o reino. De modo que, da gente das duas naus, escassamente proveu uma, sendo que havia 25 mulheres e muitas crianças da nau "Das Orfãs". Dos 28 religiosos que tinham ficado na Madeira à partida de Inácio de Azevedo, restavam 15, cinco dos quais noviços. Uns por indisposição, como António Lião, outros desanimados, tinham voltado para a Província ou para suas casas. Parece que o próprio superior, Pedro Dias, estava na disposição de abandonar a empresa; mas o P. Inácio Martins, de passagem pelos Açores na armada de Mendoça que ia ao encontro das naus, conseguiu incutir-lhe ânimo e resolvê-lo a tentar, uma vez mais, a entrada no Brasil ⁶⁸.

A 6 de Setembro, uma Sexta-feira, D. Luis lançou-se de novo ao mar em direcção às Canárias, gastando cerca duma semana naquele rodeio.

Mas no dia 12, pela tarde, os Portugueses descobriram no horizonté três naus grossas e duas lanchas pequenas. Era a nau "Printemps", rochelesa, comandada por Jean Capdeville. Vinha de saquear a Ilha Gomera, quando se encontrou com o navio inglês "The Castle of Comfort", de 240 toneladas, o qual seguia o mesmo rumo; este, naturalmente, não levou a bem que o Francês tivesse esburgado o osso primeiro que ele ⁶⁹. Quase vieram às mãos, mas lembrados que lobos não se comem uns aos outros, associaram-se para buscarem presa em comum; e a presa não podia ser outra senão o infeliz Governador do Brasil que se lhe veio meter na boca.

A história da nau "Santiago" reavivou-se na memória de todos. O capitão da nau inglesa sabia dos esforços da rainha Isabel para estabelecer o difícil tratado de comércio que nessa altura António Fogaça agenciava em Londres ⁷⁰ e com receio de ir parar à Torre, no seu regresso a Plymouth, manteve-se como simples expectador. Dos sucessos seguintes possuímos duas relações autênticas, feitas

⁶⁸ "Lusit." 64, fols. 206 v., 216; A. Franco, o. cit., p. 129.

⁶⁹ Para os sucessos de Capdeville anteriores à captura de D. Luis de Vasconcelos, veja-se A. Rumeu, *La Expedición Misionera*, pp. 43-49.

⁷⁰ Cf. *Calendar of State Papers*, "Spanish", vol. II, *passim*.

por testemunhas de vista ⁷¹ que aqui não faremos mais que resumir.

Vendo D. Luis que uma das lanchas o seguia durante a noite com uma luz à proa, compreendeu tratar-se de inimigos e dispôs tudo para a batalha que ia travar-se com a primeira luz da madrugada, dizendo por vezes: “Animemo-nos, irmãos, e esforcemo-nos para defender a fee de Christo e morramos aqui todos por ella como bôz christãos”. Mandou logo abrir duas pipas de armas e distribui-las pelos poucos homens válidos, colocando colchões, pedras e alcanzias de pólvora nas gáveas e outras partes mais vulneráveis, assinalando a cada um o lugar que havia de defender. O resto da noite passou-se em confissões, sendo o primeiro a dar o exemplo de bom cristão o Governador em pessoa.

Ao amanhecer começou o ataque. Das três primeiras vezes que a nau lusitana foi abalroada, morreram cinco pessoas e dezassete ficaram feridas, quase todas nas pernas, de modo que, para continuarem a combater, tinham de segurar-se com uma das mãos às cordas e com a outra empunhar a espada. Mas de pouco lhes valia o esforço, porque sendo o galeão francês mais alto, os Lusitanos só os podiam lobrigar quando ele perpassava para descarregarem as escopetas. Contudo, três tiros certos causaram-lhes alguns danos: o primeiro derrubou-lhes a verga grande e as velas; outro, lançado ao lume de água, arroubou-lhe o casco, de modo que esteve em perigo de se afundar; e o terceiro matou-lhes 12 homens que, somados com outros mortos anteriormente, dava 20 mortos e 10 ou 11 feridos. À terceira tentativa de abalroamento, uma âncora da nau portuguesa aferrou o costado da francesa, ficando encostadas proa com popa, saltando-lhe dentro 60 soldados quando D. Luis não dispunha de mais de 10 homens em condições de pelejarem. Cinco deles foram mortos no primeiro encontro e o Governador, já mal-ferido, esperou-os, rodeado de meia dúzia de criados, na xareta, e só quando lhe deram a última lançada mortal é que

⁷¹ Foram escritas segundo as declarações dos dois Jesuitas sobreviventes. A de Sebastião Lopes tem por título: *Carta do colégio de Santo Antão para o Padre Ribadeneira* e o original encontra-se em Roma no Archivio della Postulazione S. J., estante “Azevedo”, n.º 30. A *Relação* de Diogo Fernandes, mais completa, encontra-se no Archivum Romanum Soc. Jesu, “Brasilia” 15, fols. 220-222.

largou a espada e a rodela. "Parece que, enfadada a fortuna de lhe dar pesares, o meteu na mão dos hereges para ser despedaçado por eles. Só lhe não pôde tirar o cair com morte honrada, digna de seu sangue e de seu esforço", comenta um cronista ⁷².

Morto o chefe, rendeu-se a nau. Passada a primeira fúria, os invasores examinaram os feridos, lançando às ondas os de maior gravidade, entre os quais alguns grumetes. Com os demais mostraram benevolência, dando-lhes de comer e deixando-os livres, excepto a um fidalgo chamado Vasco Fernandes Coutinho a quem ataram com vista a um futuro resgate.

Dos Jesuitas, os que eram sacerdotes continuavam debaixo da cobertura confessando os que não tiveram tempo de o fazer na noite anterior, como as mulheres; os irmãos ocupavam-se na cura dos feridos. Os Hugonotes foram dar com o Padre Castro debaixo do castelo da popa, ouvindo de confissão o contra-mestre, moribundo, e tanto bastou para lhe tirarem a vida com 20 lançadas e estocadas. Nesse instante subia ao convés o Padre Dias e irmão Góis, e ambos, com um menino órfão que se agarrou ao Jesuita, foram também atravessados com lanças e todos alijados ao mar. Depois, chefiados por Miguel Aragonês, saíram dos camarotes todos os religiosos. O Espanhol recebeu logo uma estocada e foi abraçado por todos os companheiros que exclamavam: "Ó irmão meu, que chegastes já a derramar sangue por amor de Deus!" O resto do dia gastaram-no os hereges a esvasiar as arcas espalhando pelo chão, entre blasfêmias e chufas, os objectos religiosos, mortificando de todos os modos os pobres Jesuitas. Foi ainda naquele dia 13 que o irmão Gaspar Gonçalves, acobardando-se ante a perspectiva da sorte que o esperava, tirou a batina e se fingiu de grumete. Mas de nada lhe valeu, porque os Franceses encheram uma barçaça com grumetes e mandaram-nos deitar a afogar. Entre eles morreu o infeliz Jesuita, o único por quem depois foram feitos sufrágios nas casas da Companhia, por não ter morrido como religioso.

Entretanto os outros curavam a ferida do irmão Aragonês, molhando-a com lenços embebidos em vinho. Ao cair da noite, ataram com cordas os religiosos três a três e quatro a quatro,

⁷² A Franco, *Imagem da Virtude* cit., p. 131.

fechando-os no camarote que foi de D. Luis. Como Miguel Aragonês deixasse escapar um gemido com as dores, os corsários arrebataram-no com fúria, exclamando: "O dom prete, perro quabrão, etc." e atiraram com ele ao mar, bem como ao irmão Francisco Paulo. Assim passaram a noite, sem comer, visitados com frequência pelos inimigos que os maltratavam conforme o capricho do momento. Pela madrugada, o irmão Pedro Dias sentiu movimento desusado na xareta e disse aos companheiros: "Irmãos, aparelhem-nos para receber a morte por amor de Deus, porque vejo esta gente mui negociada". De facto, ao nascer do sol, levaram-nos à presença do novo capitão da nau, o qual voltando-se para eles carrancudo, deu esta ordem: "Para vós, perros Jesuitas, enganadores, cães do papa, não há, nem é bem que haja clemência". E aos soldados: "Logo, enforcai esta má fazenda e depois vão todos ao mar". Quando se preparavam para executar a sentença, aproximou-se o galeão de Capdeville donde veio ordem de suster. Então o chefe Hugonote declarou que lhes concedia a vida com a condição de lhe descobrirem onde estava escondido o dinheiro oferecido pelo rei de Portugal para a construção duma igreja no Brasil. Seria ainda o caso do barril de ouro que tanto desiludiu a rainha de Navarra quando o foi buscar à nau "Santiago"? Deram-lhes uma hora para eles descobrirem o tesouro, tempo que aproveitaram para se prepararem para a morte. Expirado esse prazo, e vendo que nada conseguiam, mandaram passar sete dos irmãos para o galeão de Capdeville, ficando na nau apenas Pedro Dias e Diogo de Carvalho. Ali começaram uma série de disputas sobre o Evangelho, a autoridade do Papa, as indulgências, a intercessão dos santos, sobretudo com um pregador de ofício que quis alardear sabedoria. Mas não era uma discussão calma. Foi fácil ao irmão teólogo Afonso Fernandes desfazer as objecções do Calvinista, compreendidas por todos, pois conheciam o Castelhana e muitos o Latim. E não podendo confundir o Jesuita com razões, vingavam-se dando-lhe bofetadas, pescoçadas, cuspiendo-lhe e dirigindo-lhe injúrias soezes. O maior crime que assacavam contra aqueles jovens era que a Alemanha e a França continuavam em parte fiéis a Roma por causa dos Jesuitas.

Ao meio dia retiraram-se para comer, sem se lembrarem que os religiosos estavam, havia dia e meio, com um bocado de biscoito. Depois, continuaram com as disputas, com os dois irmãos Fernandes, Pedro e Afonso, sempre na brecha para lhes responderem com coragem e sinceridade, tornando-se, por isso, vítimas de contínuos insultos. Ao anoitecer, retiraram-se de novo para a ceia, deixando livres os religiosos para se animarem mutuamente a sofrer o destino que viam aproximar-se ⁷³.

Sem saberem a razão da preferência, os hereges convidaram depois para a mesa os irmãos Diogo Fernandes e Sebastião Lopes, os dois que, talvez por tomarem algum alimento, viriam depois a resistir mais sobre as ondas, escapando assim com vida. Mas o repasto foi interrompido com o brado dos companheiros clamando por Jesus. Caindo no que estava sucedendo, ambos correram ao convés. Não se enganaram. Os hereges, despojando os religiosos das roupetas, agarravam-nos pelos pés e pela cabeça, tomavam balanço e atiraram-nos às ondas o mais longe que podiam. Entre os espectadores, estava o pagem de D. Luis de Vasconcelos o qual, em 1628, nos Processos de Coimbra, sendo já velho e desempenhando o cargo de Sargento-mor da Ilha de Madeira, afirmava que, ao lançarem os Jesuitas ao mar, os Franceses diziam: "Getta, getta

⁷³ Ainda que não queremos cansar o leitor com a narração pormenorizada de toda esta cena, não resistimos à tentação de consignar aqui o modo de entretenimento entre os irmãos, segundo o depoimento de Sebastião Lopes: Quando os hereges os deixaram para irem cear, disse o irmão João Álvares:

"Irmãos, tenhamos repouso, porque já nesta vida não teremos outro.

Todos: Tenhamos.

João Álvares: Grande bem he o que temos e mui grande que Nosso Senhor nos faz.

Todos: Grande, certo, pois foy nosso Senhor servido trazer-nos aqui para padescer pollo seu amor.

J. Álvares: Certo, irmãos, grande mercê he esta que o Senhor nos faz: morrer por amor de Deus he cousa alta. Ó irmãos, quem tivera agora muitas mortes que dar polla que Christo padesceru por nós! Irmãos, animemo-nos e esforcemo-nos com tal morte.

Pedro Fernandes respondeu rindo de prazer: Bendito seiais vos Senhor, pois sois servido que nós morramos aqui todos juntos nam sendo nós merecedores de tal morte" (Carta em Arch. della Postulazione, "Azevedo", n.º 30).

a la mar queste prete malditi que vai ensinar a fee falsa dos Papistas aos Brasis gente simples”⁷⁴.

Foram, pois alijados às águas, sem ficar um só. A noite estava escura, o mar sereno. Alguns, por não saberem nadar, foram logo ao fundo. Os demais, guiando-se pelas vozes, foram-se aproximando uns dos outros, animando-se mutuamente à confiança em Deus, recitando jaculatórias, o Salmo *Miserere* e o *Credo*. Uma a uma, as vozes iam emudecendo naquele coro de náufragos, exaustos pela fraqueza e os maus tratos. Por mais empedernidos que estivessem os corações dos algozes, é impossível que aquele som lúgubre nas trevas não lhes soasse aos ouvidos como uma acusação vinda do outro mundo. Por volta da meia noite, apenas Diogo Fernandes e Sebastião Lopes, os dois que tinham tomado algum alimento, sobrenadavam ainda à espera da sua hora. Mas a hora deles não soaria ainda. Como o mar estava em calmaria, as naus ficaram paradas a cerca de meia légua. Diogo Fernandes aproximou-se dum batel e os marujos, apiedados, ajudaram-no a subir para bordo e esconderam-no. Lopes, rondando também a armada, ouviu que alguém o chamava em Castelhana. Aproximou-se e foi também recolhido e deitado de bruços sobre os remos para vomitar a água que já tinha engulido. Dali passou à nau aprisionada e escapou fazendo-se passar por irmão duma das meninas órfãs. Soube então que os irmãos Pedro Dias e Diogo de Carvalho, que permaneceram na nau portuguesa, tinham sofrido o mesmo destino que seus irmãos.

Fazendo-se na volta da Península, Capdeville aprisionou uma caravela portuguesa junto ao Algarve e depois rumou para a Rochela, lançando os prisioneiros em terra junto a Baiona, na Galiza, excepto alguns marinheiros de que tinha necessidade e ao fidalgo Coutinho que foi posto em resgate por 1.200 cruzados. Isto deu-se entre 15 e 18 de Setembro⁷⁵. Da Galiza dirigiram-se os dois Jesuítas sobreviventes a Lisboa, onde narraram o sucedido ao resto da

⁷⁴ Archivio della Postulazione, “Azevedo”, n.º 31.

⁷⁵ Vide *Relação* cit. de Diogo Fernandes.

expedição. Diogo Fernandes foi mais tarde despedido da religião; de Sebastião Lopes nada se sabe ⁷⁶.

* * *

Estes acontecimentos do mar das Canárias, somados aos do ano anterior, causaram, como era natural, a maior consternação nos meios católicos. A preocupação levantada nas mentes dos reis responsáveis pela segurança das pessoas e bens nacionais, ressalta numa carta escrita, logo após aquele morticínio, por D. Sebastião ao seu embaixador em Paris João Gomes da Silva. Por se tratar dum documento inédito, damo-lo aqui na íntegra.

“João Guomez da Silva, amigo: Eu Ell Rey vos envio muito saudar. Eu soube aguora o acontecimento de D. Luiz Fernandes de Vasconcelos que mandava por Guovernador às partes do Brasyll, e como no caminho fora tomado por dous navyos de cossayros luteranos que entraram a sua nao por ser marchante e carreguada de molheres, Religiosos e moradores que todos hiam pera o Brasyll, pera onde Dom Luiz partio daqui em Mayo ⁷⁷ do ano passado e foy ter às Antilhas e depois às Ilhas dos Açores onde da sua nao se mudou a esta em que aguora hia, tão mall apercebido de tudo como vão os a q no mar acontecem estes desastres. E entrando os Luteranos na sua nao, por serem muitos em comparação dos que nella hiam, e pellejando Dom Luys com os poucos que nisso o podiam seguir, os matarão; e assy alguns padres da Companhia de Jesus e os outros Religiosos della que tambem hiam na nao lançaram vivos ao mar, do quall caso tenho tão grande sentimento como he razão, e tambem porque sou enformado que estes mesmos cossayros fizerão o ano passado o insulto da morte de outros muytos Padres e Religiosos da Companhia que tomarão em outra nao em que elles hiam pera o Brasyll. E naquele tempo antes, ou depois disso, foi tomada a caravella em que vinha da Ilha de Sam Miguel Francisco de Mars, que nella foi provedor de minha fazenda, com sua molher e casa.

⁷⁶ A. Franco, o. cit., p. 137.

⁷⁷ Pequeno lapso. De facto não foi em Maio, mas a 10 de Junho.

"E posto que este acontecimento e sentimento que delle tenho me move e obrigua a fazer nella o que tenho assentado, espero de mandar, com efeito, tanto que o tempo der a isso lugar, me pareceu que nem por ysso devia deixar de fazer loguo as outras cousas devydas e necessaryas em tall caso, como hé mandar pedir ao chrystianissimo Rey de França meu irmão e primo, que proveja lloguo nelle conforme a obriguação que tem a minha amizade, e mandar castiguar as culpas de seus vassalos, mormente sendo ellas tais, e cometidas contra os meus; pelo que vos encomendo que lloguo tanto que vos esta for dada, falleys a Ell Rey e lhe deys a carta minha que com esta pera elle vos envyo e pella crença della lhe referireys o que nella vos diguo, exagerando-lhe o caso cõ o respeito devydo à openião dos portugueses. E pera ysso lhe significareys o modo de que estes foram tomados; e que lhe roguo muito queira loguo sem dilação mande justicar os culpados como o merecerem por tamanhos ynsultos; e que se restituam estas duas naos e tudo o mais que nella foy tomado, ajudando-vos de todas as razões que em tall caso lhe deveys dar pera boa e breve resolução deste negocio que procurareys por se tomar brevemente, porque se loguo assym não fizer poder-se-ha recear aver nyssso dilação, que he em muito prejuizo das cousas desta calidade. E porquanto eu mando ora huma armada em busca destes cosayros Luteranos e que os siga até os achar, inda que seja tempo de inverno, pedireys tambem a Ell Rey de minha parte queira mandar aos guovernadores e justiça dos seus lugares que indo a minha Armada ter a elles lhe dem pera este efeito toda a ajuda e favor, pois alem de ser pera satisfação deste caso (se a elle pode ter sendo tão grave) resultará tambem disso castiguo dos reveys a essa coroa, com o que Ell Rey deve muito folgar; e nesta materia falareys tambem à Raynha sua may, e ao duque d'Amju, e a quem mays for necessario; e, vindo a proposito e parecendo-vos bem, lhes direys como inda até guora não tenho visto castiguo algum dos ynsultos passados; e sobre ysto acrescentareys ou moderareys o que vos bem parecer, segundo o que virdes que em tall caso e conjunção de tempo se deve fazer. E hey por escusado encomendar-vos isto mais particularmente, pois vedes o caso e importancia delle. Escrevey-me loguo com deligencia o que nella se fizer e o efeito que

vos parecer que terá. Escrito em Almeirim a xxx de Outubro de 1571.

.....

”E porquanto a minha armada parte daqui a quatro ou cinco de Novembro, e com os nortes pode fazer detença no caminho, e cumpre não se saber della em tempo em que os cossayros se possam lá ajuntar contra ella, dareys della conta a Ell Rey quando vos parecer que se evitará este inconveniente, e se vos tambem parecer que não terá dysso sentimento”⁷⁸.

A 22 de Novembro do mesmo ano escrevia o agente de Portugal em Londres, António Fogaça, ao mesmo embaixador Gomes da Silva: que soube por um amigo, que estava refugiado em Baiona um navio pirata francês, chamado “Printemps”, e outro inglês, “The Castle of Comfort”, com um navio português de 300 toneladas carregado de latão e mosquetes e que tinha sido aprisionado por eles; que o “Printemps” vinha de saquear a Gomera, e que o porto de Baiona se tornou o refúgio dos piratas, pois não tem nada que o defenda; o “Castle of Comfort” chegou à ilha de White no fim de Outubro e ele, Fogaça, com cartas do concelho, enviou lá um homem a inspeccioná-lo, mas só encontrou dois negros que pertenceram a D. Luis de Vasconcelos; tanto o capitão como os marinheiros do dito navio estão presos, “mas estou certo que os soltarão em breve, como costumam”. Diz mais que o navio francês e a presa se encontram já na Rochela, mas não permitem a ninguém ir visitá-lo⁷⁹.

O culto litúrgico de Inácio de Azevedo e seus companheiros começou imediatamente a estender-se pela Europa e pelas Missões sob a denominação de “Mártires do Brasil”. O mesmo não sucedeu com o grupo chefiado pelo P. Pedro Dias⁸⁰. Historicamente, o mo-

⁷⁸ Original, 2.ª via, em Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Miscel. 49-XII-441, fol. 442 v.

⁷⁹ *Calendar of State Papers*, cit., vol. II, pp. 351-52.

⁸⁰ Como sucedeu com Azevedo e companheiros (*Monumenta Hist. S. J., Borgia V*, p. 551), em Portugal foi resolvido não se fazerem sufrágios por Pedro Dias e companheiros (*Archivum Romanum S. J., “Lusit.”* 43, fol. 423 v.).

tivo que prevaleceu no assassínio de uns foi o mesmo que se verificou na morte dos outros. Porquê, pois, esta diferença? No primeiro caso influiu, certamente, a visão de Santa Teresa, em Ávila, pela qual contemplou a coroação dos 40 no céu, no momento do martírio ⁸¹.

⁸¹ *Processos de Coimbra*, l. cit., fol. 23; Biblioteca da Ajuda, Ms. 52-XI-9, n.º 164.